

Fernando Molica

O futuro papa e a ironia de Stalin

Os 133 cardeais que se reúnem a partir de hoje na Capela Sistina têm um desafio muito maior do que escolher o sucessor de Francisco, o de responder a uma ironia feita há 90 anos pelo soviético Josef Stalin ao questionar o tamanho do poder da Igreja Católica. “Quantas divisões tem o papa?”, perguntou o ditador numa referência ao fato de o Vaticano não ter exército.

A falta de capacidade bélica foi, ao longo dos séculos — dois milênios —, compensada por uma mistura de poderes políticos e religiosos que transformavam o papa numa referência fundamental para praticamente tudo no Ocidente. Nas últimas décadas, porém o “Roma locuta, causa finita” — o papa falou, tá falado — perdeu muita importância.

Abalada pelas sucessivos conflitos mundiais, especialmente em solo europeu, e por omissões como no caso do massacre de judeus pelos nazistas, a Igreja Católica tem reagido mal a desafios da modernidade. É compreensível que se posicione contra o aborto, mas tropeçou em temas como divórcio, sexo antes do casamento, pílulas anticoncepcionais, uso de

camisinha para prevenção à aids, fim do celibato de religiosos, empoderamento de mulheres, aceitação de homossexuais.

Pior de tudo para o Vaticano: suas opiniões e interdições passaram a ser cada vez menos levadas em conta. Certamente ainda há aqueles que temem a danação eterna por descumprir alguns desses preceitos, os que ainda carregam a culpa por descumpri-los, os que descontam em inocentes as consequências da negação do corpo e de seus desejos; mas, em geral, as determinações romanas perderam muito peso.

A comprovação de inúmeros de casos de tolerância com abuso sexual de crianças expôs de vez a contradição de uma Igreja que, mesmo admitindo-se pecadora, cobra uma impossível santidade de seus fiéis. É fácil se dizer católico, o complicado é seguir as determinações papais (como dizia o escritor e ex-seminarista Carlos Heitor Cony, ser católico não é para quem quer, mas para quem pode).

Ao longo de seu pontificado, Francisco buscou arejar o ambiente romano, mostrou-se aberto a características humanas, às imperfeições que nos caracterizam. Mas es-

teve longe de ser uma unanimidade até mesmo dentro de uma Igreja Católica que parece perdida entre os apelos da modernidade e o crescimento de um fundamentalismo religioso estimulado por questões econômicas, políticas e culturais.

Centralizada em torno de um homem que considera ungido pelo Espírito Santo, a Igreja Católica demonstra ser incapaz de concorrer com denominações evangélicas que se reproduzem de maneira incontrolável, capazes de se adaptar às variadas exigências de seu público-alvo. Um católico não pode trocar de papa, protestantes não têm qualquer problema em mudar de igreja e de pastor, um privilégio bem mais adequado ao individualismo dos novos tempos.

A centralidade da figura do papa impõe limites à atuação do pontífice da vez. Cada gesto ou fala precisa ser medido para evitar reclamações de um lado ou de outro. Esse tipo de cuidado, típico do universo político, é contraditório com a ideia de infalibilidade do homem que veste branco, acaba reforçando o questionamento à sua suposta santidade.

Volta e meia Roma é co-

brada por eventuais excessos do Concílio Vaticano II, por supostos descaminhos na busca pelo “aggiornamento”, tentativa de uma maior sintonia com o mundo. João Paulo II tratou de dar um freio de arrumação no que considerava excessos: aqui na América Latina, sua férula (aquele bastão alto) serviu de cassetete na repressão à ala mais à esquerda.

Nem ele, porém, escapou da necessidade de ser dúbio: cobrado por seus gestos contra a Teologia da Libertação — que usa elementos marxistas na leitura bíblica —, ele apelou para um jogo de palavras, alegou que o papa não podia ser contra o papa.

Hoje, cardeais do mundo inteiro repetem a missão impossível de tentar encontrar alguém capaz de conciliar determinações que consideram divinas com a realidade de pessoas cada vez mais voltadas para seus próprios interesses e donas de suas vontades.

Numa ironia, a União Soviética consolidada por Stalin foi tragada pela história, apesar das muitas divisões de seu poderoso exército. Neste caso, a Igreja Católica riu por último, continua viva, mas sabe que seu campo de manobras é cada vez mais restrito.

EDITORIAL

Gastança deve deixar país ‘capenga’ em 2026

‘Capenga’. Assim deverá chegar a economia brasileira, ao cabo de 2026, sobretudo pela pressão exercida pela inflação de serviços, observa o chefe do Centro de Crescimento Econômico do Ibre/FGV (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), Samuel Pessoa, ao participar do TAG Summit 2025, em São Paulo.

Ao salientar não ter condições de prever o que ocorrerá com a chamada ‘inflação cheia’ – pois esta, segundo ele, continuará sendo ‘influenciada’ pela guerra comercial travada pelos EUA com o resto do mundo – Pessoa assinalou: “O que vai acontecer com a inflação total, eu não sei direito, porque tem esse choque agora da guerra. Podem haver surpresas positivas na inflação até o final do ano, mas o mercado de trabalho continuará pressionado e com a inflação de serviços alta”.

Como o país deverá chegar, ao final do próximo ano, exibindo uma inflação de serviços elevada, o setor privado continuará pressionado, até porque, continua o chefe do Ibre/FGV, o governo seguirá estimulando o consumo, por meio de medidas nas áreas sociais, assim

como pela criação de novos mecanismos de concessão de crédito. Como resultado, ele projeta um custo de demanda de 0,5% no fim deste ano e de mais 0,5%, no próximo.

Coerente com o perfil perdulário federal, Pessoa admite que o Planalto poderá ‘abocanhar’ em torno de R\$ 15 bilhões do Fundo Soberano, para injetar tal soma na faixa 3 do programa habitacional assistencialista ‘Minha Casa, Minha Vida’. Na sua visão, o governo está empenhado em ‘sustentar’ o consumo. Dentro dessa lógica, com a inflação pressionada, não restará outra alternativa ao Banco Central (BC), a não ser manter elevados os juros básicos (Selic), prestes a atingir o patamar de 14,75% ao ano, vaticinando analistas de mercado.

Estabelecida essa perspectiva, a conclusão de Pessoa é realista. “Ou seja, a gente vai chegar ao final do ano que vem capengando e com um setor privado machucado. Então, dá um medo de uma regressão. Agora, a gente tem vários exemplos nos últimos 20 anos de governos que produziram inflação, desorganização macroeconômica, muito penalizado pela democracia, inclusive”.

‘Cinema Inflável’ chega hoje a Brasília

É de conhecimento geral que o cinema deveria ser uma das artes mais democráticas de todas. Porém, infelizmente, os preços que envolvem assistir um filme estão cada vez mais altos. Por conta disso, ações e medidas que visem popularizar a ida a cinemas são mais do que bem-vindas, são necessárias.

Patrocinado pelo Nubank e pelo Ministério da Cultura, o “Cinema Inflável” está de volta às cidades brasileiras e, pela primeira vez, será realizado no Distrito Federal e em Goiás. O evento, realizado pela produtora D+3, exibirá filmes de diversos gêneros em espaços públicos de regiões com acesso limitado ao cinema. Com uma tela inflável de 10 x 6 metros, a iniciativa será gratuita, contará com distribuição de pipoca e terá capacidade de 800 pessoas por sessão. As primeiras cidades por onde o evento passará serão Ceilândia, entre os dias 7 e 11 de maio, e Vila Telebrasília, de 14 a 18.

Com apoio do Governo do Distrito Federal, o evento busca tornar a experiência do cinema ao ar livre mais acessível e fazer com que o público se apaixone ainda mais pela sétima arte.

O Cinema Inflável acontece no Brasil desde 2013 e já contou com 14 edições, todas em locais no estado do Rio de Janeiro, como Nova Iguaçu, Rio das Pedras, Guapimirim e Itaboraí. Após a temporada no Distrito Federal e Goiás, que contará com 12 edições de maio a setembro, o evento parte para a Bahia.

Dentre os filmes escolhidos estão sucessos como “Nosso Sonho”, “Pantera Negra”, “Viva, A Vida É Uma Festa”, “Milton Bituca Nascimento”, “Saneamento Básico, O Filme”, “Barbie”, “Moana 2” e “Estrelas Além do Tempo”.

É uma chance de ouro.

Vicente Loureiro*

O futuro das cidades está no centro

Recentemente, a CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) lançou um documento intitulado Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais, com o objetivo principal de sensibilizar governos e empresas para a necessidade de promover um grande esforço nacional visando à requalificação dos centros urbanos e à recuperação de edifícios nas grandes cidades. A partir de experiências exitosas em curso no Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Luís, o estudo destacou desafios, oportunidades e a complexidade presentes em iniciativas dessa natureza.

O deslocamento de atividades comerciais, institucionais e de prestação de serviços para fora dos centros, assim como o de moradores, tem, segundo o documento, causas semelhantes. A sensação de insegurança, as dificuldades de mobilidade, o aumento da população em situação de rua, os shopping centers, o comércio online e o trabalho remoto são fatores destacados como responsáveis pelo esvaziamento econômico e

populacional dos centros urbanos. A pandemia também contribuiu para esse declínio.

Apesar de, neste ano, comemorar-se o cinquentenário do calçadão de Curitiba, e de o tema da revitalização das áreas centrais frequentar a agenda política das principais cidades brasileiras desde meados dos anos 1980, só recentemente vêm sendo obtidos resultados concretos e animadores de reversão do esvaziamento de alguns centros urbanos. Ainda é difícil, porém, conter a tendência expansionista das cidades rumo às periferias. Enquanto isso, segundo o documento da CBIC, cerca de 3 milhões de pessoas deixaram de viver nos centros.

É inegável que, nas áreas centrais, as pessoas têm mais possibilidades de acesso à infraestrutura e aos serviços públicos, além de mais chances de obter emprego ou renda. Vivendo nelas, também se reduzem as necessidades de deslocamentos e todos os seus impactos. O documento da CBIC, a partir das experiências avaliadas, tenta

demonstrar que é necessário pensar diferente para se obter resultados diferentes e efetivos. Acreditar, de fato, que as cidades podem se reinventar.

Os processos de revitalização urbana nas cidades citadas no estudo apontam importantes barreiras no esforço de tentar revigorar suas áreas centrais: a falta de uma legislação que permita a conversão de uso para residencial em condomínios estabelecidos; a necessidade de adequação dos planos diretores, dos códigos de obras e de algumas normas técnicas; e a dificuldade de se obter financiamento para retrofit, configuram os principais gargalos a serem destravados.

O documento destaca ainda a importância dos incentivos fiscais e urbanísticos na atração de investidores para as áreas centrais decedentes — em alguns casos, estigmatizadas. É necessário, segundo os testemunhos dos líderes dos projetos de revitalização em destaque no estudo, transformar a recuperação do centro principal

Opinião do leitor

Ficamos mudo

Que nó na garganta desde que li a notícia, vontade de chorar a perda da nossa Nana Caymmi, única e incomparável na arte de cantar e da música, sempre será lembrada pela riqueza de interpretação! Um timbre de voz inigualável. Um encantamento. A mais versátil! Só produziu beleza.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: PRISÃO DE GHANDI ACIRRA OS ÂNIMOS NA ÍNDIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de maio de 1930 foram: Prisão de Ghandi pelo governo britânico deve acirrar os conflitos na Índia para as vias miliares. Grevistas e política entram em colisão em Madrid e estudantes são feridos. STF suspende todos os habeas-corpus concedidos pelos juízes da Concentração Conservadora. Senado reelege a mesa diretora da gestão passada.

HÁ 75 ANOS: BRASIL E ITÁLIA ASSINAM TRATADOS COMERCIAIS

As principais notícias do Correio da Manhã em 7 de maio de 1950 foram: Governadores da UDN confirmam participação na Convenção Aliada examina a queixa alemã sobre o Sarre. Brasil e Itália assinam novos tratados comerciais. Operários da Finlândia em greve.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação:

Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso:

Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte:

José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones

(21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp:

(21) 97948-0452

Rio de Janeiro:

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ

CEP 22775-057

Brasília:

ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF

CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.